

NAS REDES GUARANI

Saberes, traduções e transformações

Dominique Tilkin Gallois e Valéria Macedo (*organizadoras*)

1ª edição

hedra

São Paulo_2018

Os *xondaro* e a circulação de saberes no mundo de hoje

Jera Poty Mirĩ (Giselda Pires de Lima)¹

Começo dizendo que, mesmo sendo Guarani, mesmo tendo nascido numa aldeia Guarani-Mbya, mesmo fazendo parte desse povo que tem conhecimentos tão belos, tão fortes, ainda diria que eu sei pouco. Todos os dias, o tempo inteiro eu aprendo muito com os *xeramõi*, com as *xejaryi*, que são as pessoas mais velhas, mesmo que não sejam líderes espirituais. De fato, aqueles que têm mais idade sempre sabem mais e eu fico muito feliz de estar constantemente aprendendo na aldeia. Aí eu passo um pouquinho desses conhecimentos para os amigos que não são Guarani.

Os mais velhos sabem bastante, e eles mesmos trocam também seus saberes, já que tem muitos pontos ou situações dentro de um saber que são diferentes. Mas aqueles que aprendem todos os dias são as crianças e os jovens. Posso falar só pelas aldeias que eu conheço mais, como a aldeia do Silveira, no litoral, onde eu vou bastante e gosto muito. Também pela aldeia de Krukutu, pela aldeia do Jaraguá, que também são da capital de São Paulo, como a minha aldeia.

Eu nasci e estou há 31 anos na aldeia Tenonde Porã. Ali muita coisa mudou nos últimos quinze ou vinte anos. Quando eu era criança não tinha luz na aldeia, não tinha tv, só alguns tinham radinho de pilha, mas para comprar pilha tinham que estar com os *jurua*, e a maioria não topava muito. A relação com os *jurua* era muito distante. Nessa época, era muito mais rápido aprender as

1. Professora na escola da aldeia Tenonde Porã, São Paulo /SP.

coisas da aldeia, o que a gente tinha que fazer como crianças, ou como jovens, ou como pessoas passando pelo ritual de passagem pra se tornar adultos. A gente tinha uma atenção muito maior para os nossos velhos, para as nossas mães, para os nossos pais, porque não tinha tantas outras influências.

Ela, quando ainda não era mocinha, esperava que isso acontecesse comigo porque teria toda a família voltada pra mim: a minha irmã mais velha, minha tia, minha mãe, minha avó. Todas elas se voltariam pra mim pra me ensinar melhor como cozinhar, lavar roupa, costurar, cuidar de outras crianças... Também era um momento de aprender muitas outras coisas. Nessa fase de dez, doze, treze anos, catorze anos, a gente está num momento de muita curiosidade. A ideia de saber que muitas pessoas velhinhas iam ensinar muitas outras coisas era muito esperado.

No mundo de hoje, na Tenonde-Porã e em algumas outras aldeias que eu conheço, eu acho que esse conhecimento ainda está muito forte, mesmo quando está meio que dormindo... De fato, hoje tem uma grande influência do mundo do *jurua* por conta da energia elétrica e da tecnologia. No mundo guarani também isso está ficando muito mais forte. Todo mundo tem acesso à internet, acesso à escola, e cada vez mais os jovens e as crianças ficam muito presos nessa forma de saber. A gente pode pensar: "as crianças e jovens estão muito presos na internet, no celular, na escola, mas tem os adultos que sabem da cultura, que dominam a língua e os princípios guarani, então esses não vão deixar a peteca cair". Só que às vezes pais e mães, muitos *xeramõi* infelizmente também ficam assistindo tv em casa. Por que o filho, se for assalariado, comprou uma tv de plasma muito bonita, que tem uma imagem muito de outro mundo, e aí gostam também de assistir filmes de ação, como o filme do "Avatar", que tem efeitos especiais. Os mais velhos também ficam muito encantados com isso e às vezes deixam de fazer a roda de história com esses que já vivem num mundo muito cheio de influências tecnológicas.

Vou tentar contar alguns pontos mais fortes dessa experiência de ser Jera, de ser moradora da aldeia Tenonde-Porã, de ter nascido

nessa cultura, de trabalhar na área da educação, dentro da pouca experiência que tenho de trabalhar como educadora, mas de sempre ter pensado em como fazer com que a escola não interferisse de maneira muito agressiva na educação tradicional. Todas as vezes que me envolvi em projetos pra fortalecer nossa cultura, que veio se prejudicando por conta da pouca terra e de não ter mata em muitas aldeias, se envolveram comigo muitos jovens e crianças, e alguns pais. Talvez os adultos se envolvam menos porque eles já sabem bastante, mesmo que já não façam atividades de caça, de pesca, já que não tem como fazer na área. Eles não fazem porque não tem como fazer, mas sabem.

O fato é que quando você chama as pessoas pra uma conversa voltada para esse tema de fortalecer a cultura guarani, a maioria é sempre de crianças e jovens. Às vezes os mais velhos falam para os novos: "você não querem mais comer fubá, você não querem mais comer milho, você não querem mais comer *mbyta*, *rora*, que são as comidas tradicionais". O problema é que quando eles têm seis, sete aninhos, não são eles que vão para o mercado de *jurua*, são os pais. Então o que o filho sabe comer hoje foi o pai e a mãe que ensinou. Não adianta o menino fazer quinze anos e quererem enfiar goela abaixo um *mbyta* (comida feita de milho)...

O DESPERTAR DOS XONDARO

Mesmo quando o sentido de ser guarani, o espírito, a alma de ser guarani está um pouco dormindo, quando é chamado ele acorda muito rápido. A gente começou um projeto de fortalecimento do *xondaro* na Tenonde-Porã em 2010, quando ele estava muito, muito adormecido. *Xondaro*, que são os guardiões, era uma coisa que sempre me emocionava bastante quando eu era criança. Quando os *xondaro* dançavam, eu ficava sentadinha e sentindo o chão embaixo de mim tremendo. Era uma vibração muito forte, uma coisa linda, magnífica. Os homens dançam com muita seriedade porque faz parte do mundo espiritual guarani, que tem uma concepção muito ampla, grandiosa.

Depois eu fui crescendo e a dança do *xondaro* foi se enfraquecendo na aldeia. Eu falava para os meus parentes da Tenonde-Porã que a gente precisava fortalecer, trazer de volta o *xondaro* que estava dormindo. O *xondaro* está muito voltado para o contexto espiritual, de ter seu valor como Guarani, mas também é uma prática ritual, de ter seu valor como Guarani, mas também é uma prática de dança que mexe muito com a força física. Algumas lutas, por exemplo o karatê, têm movimentos em que você tem que ficar com os músculos muito tensos pra você atacar bem, pra você derrubar o seu inimigo. Já no *xondaro* é ensinado a ter a leveza no corpo. Eu posso jogar alguém a quilômetros de distância com a leveza do meu corpo, mesmo que a pessoa esteja enrijecida, na defensiva.

Ser *xondaro* ou *xondaria* não significa só circular, dançar, pular e rodar... Significa você incorporar o espírito guarani e, a partir daí, saber o que você pode fazer e o que não pode, se você é *xondaro* ou *xondaria* de quem, de quem você tem que cuidar dentro da sua aldeia e como você tem que cuidar. Também saber como vão ser seus passos no futuro, dentro da comunidade que você vive, pra que você seja o *xondaro* que você tenta ser quando você entra no círculo da dança. A beleza do *xondaro*, toda sua concepção, você só entende se você for na aldeia e ver algumas danças, ou se você dançar.

Quando começamos o projeto, lembro que nas primeiras tentativas de dança, de levar as crianças e os jovens pra casa de reza, estava todo mundo meio endurecido. Mas com o começo do projeto foi muito rápida a desenvoltura do corpo, o retorno do espírito dos *xondaro*, mesmo para aqueles que sabem pouco da concepção profunda do *xondaro*, como os pequeninhos de três, quatro anos, que eram todos meio durinhos e agora fazem coisas lindas, muito fortes.

Um dos mestres *xondaro*, Pedro Vicente, falou muito para os jovens como é que as pessoas têm que ser pra aprenderem de verdade o *xondaro*. Com as palavras de Pedro Vicente, muitos jovens mudaram o comportamento e começaram a pensar diferente sobre a situação de estarem muito presos a um mundo que não faz parte da sua cultura. A Tenonde-Porã tem 26 hectares, não tem natureza, não tem como ter contato com animais, com água, com pesca, com

caça... então pesa mais a influência tecnológica do *jurua*, da energia elétrica. Para alguns homens guarani, quando não tem o que pescar, não tem o que caçar e não tem como entrar na mata e cortar árvores pra fazer suas casas, também às vezes não tem por que ir pra casa de reza, pra fortalecer aquilo que não está muito saudável.

Por isso, no projeto a gente contou com lideranças e amigos de outras aldeias que têm seus espaços maiores, que têm mais natureza, como na aldeia do Silveira. Então aconteceram coisas lindas, a gente se fortaleceu, e os jovens da Tenonde-Porã se fortaleceram enquanto *xondaro*. Depois a gente também teve a oportunidade de levar os *xondaro* da Tenonde-Porã que já estavam animados, que já estavam acordados, pra outras aldeias em que esse conhecimento estava também um pouco dormindo. Mesmo estando em aldeias diferentes, a gente é um povo só e se entende bastante nesse sentido.

Cada mestre *xondaro* tem suas particularidades, sua concentração, sua leveza corporal. Quando entram na roda, cada *xondaro* e *xondaria* têm que ir com seriedade, porque estão dançando também pros *Nhanderu kuery*, para os nossos deuses, pra gente se fortalecer. Então você nunca pode entrar rindo. O *Karai Xondaro*, lá na aldeia do Silveira, parava na frente dos *xondaro* que não estavam concentrados e ficava olhando, sem falar nada, até que eles percebecem e parassem de rir ou de falar. Isso acontecia de uma maneira muito bonita. Esse *Karai Xondaro* tem uma concentração total, que não é enrijecida. Ele tinha uma *yvyra raimbe*, que é uma madeira comprida, e fazia muito forte a dança do *xondaro*. Ele passava a madeira muito rápido para os meninos se esquivarem e eu pensava que eles iam ser atingidos. Em muitos momentos eu senti meu coração ficar bem duro, porque parecia que ele ia atingir esses *xondaro* que estavam dançando com ele e que estavam ainda aprendendo, pois era o começo do projeto. Eu percebia o medo no rosto do meu sobrinho. Eu queria salvar todo mundo que estava lá, mas pensei: "não, esse *xondaro ruvixa* sabe o que está fazendo, não vai atingir, vai ficar tudo bem". Então aconteceu uma coisa linda, porque todos esses *xondaro* que estavam dançando com eles incorporaram, definitiva

mente, o espírito dos *xondaro* guarani, passaram a se concentrar mesmo.

A gente teve há pouco tempo movimentos muito fortes que vieram a partir desses *xondaro* que foram acordados. Mesmo quando os *xondaro* não estão dançando, não estão ativos na aldeia, os Guarani em todas as situações de precisão um do outro se unem, a gente senta junto, conversa junto, a gente vai junto. Nos últimos dois anos eu senti muito forte o movimento dos *xondaro* em vários cantos dos territórios guarani ficar mais forte. Cada vez fica mais forte os *xondaro* se sentirem *xondaro* na situação de cuidarem um do outro e, a partir disso, quererem fazer as coisas sem descanso. Está acontecendo um movimento espiritual também de fazer as coisas acontecerem e de se cuidar na aldeia. Quando tem problema, por exemplo, de bebida alcoólica na aldeia, os rapazes dizem: "você tem que beber menos, você é *xondaro*! Você não pode fazer isso. Assim não dá!". Eles têm essa cobrança um com o outro, e também de quererem fazer as coisas como eu disse antes, sem dormir, por muito mais tempo, pra acordar.

Isso tudo está ligado aos movimentos indígenas quanto às questões das terras, da demarcação das terras. Teve o primeiro movimento que aconteceu na Rodovia dos Bandeirantes, que a gente fechou pra protestar contra a demora nas demarcações, perto da aldeia de Jaraguá. Depois a passeata na Avenida Paulista, que era pelas demarcações e contra a PEC 215. Na Tenonde-Porã e na Krukutu, a gente também está fazendo um movimento de retomada de nossas terras de ocupação tradicional. Há seis dias a gente retomou a aldeia Kalipety, que era habitada por nosso povo na década de 70. Eu queria estar fazendo essa conversa que eu estou fazendo com vocês lá. Se eu pudesse transportar todo mundo pra lá seria bom, só pra vocês sentirem isso como eu estou sentindo.

Nesses seis dias, há momentos em que a gente foi ficando cansado, fisicamente. A gente ia desanimando, mas aí o *xeremõ* pumba a mão na nossa cabeça e falava "*nembariete kuru*", que é uma forma de nos alimentar espiritualmente. Aí ficava todo mundo muito animado de novo! "Bora fazer casa!", "Bora lá, então!".

Esse é um começo, a gente ainda está ganhando experiência. Mas a retomada de terras tradicionais é muito marcante para o povo guarani. Se algumas práticas da cultura guarani estavam dormindo, mas conseguiram acordar mesmo em áreas que não tem natureza, imagina o que pode acontecer numa área ampla e que tenha água, que tenha cachoeira, que tenha o que caçar? Ontem mesmo eu estava falando para os meninos: "imagina aqui quando vocês matarem uma caça de grande porte e a gente puder distribuir pra todo mundo?". Não vou repetir as palavras que eles falaram, mas ficaram bem empolgados!

A ESCOLA E OS SABERES

A maioria de projetos que eu escrevo para fazer na aldeia é de "transmissão de saberes", mas estou gostando mais da ideia de "circulação". Nessa circulação de ações voltadas para o aprendizado informal, diferenciado, tradicional, o que me preocupa bastante é esse modelo da educação que a gente tem hoje dentro das aldeias Guarani-Mbya. Esse modelo nasceu da Constituição, que assegura o direito da criança indígena a ter uma educação diferenciada, tanto dentro do mundo da sociedade envolvente como no mundo tradicional. Mas para os Guarani-Mbya a educação diferenciada é muito recente.

O povo Guarani foi um dos primeiros povos a ter contato com os *jurua*. E ainda assim, em aldeias como a Tenonde-Porã, o Silveira, Krukutu, aldeias muito próximas da cidade, muito próximo de toda a influência do *jurua*, ainda têm pessoas que não sabem falar o português, que se mantêm muito no mundo Guarani. Diante disso, quando a escola entrou na aldeia, os que estão muito no mundo dos Guarani não estavam dispostos a conversar sobre qual tipo de educação que a gente vai fazer na escola. O que se tinha era uma coisa muito superficial, de que a gente precisa aprender a falar a língua do *jurua* pra saber lidar melhor com as coisas do *jurua* que chegam na aldeia.

No início, quando eu tinha doze ou treze anos, eu lembro bem que a ideia de aprender a língua ou os conhecimentos *jurua* era pra lutar pelos direitos, era para coisas específicas... Como as pessoas que estavam indo pra Brasília e que não sabiam falar direito o português, e que tinham que aprender a escrever e a ler, enfim, ter capacidade de fazer decodificações de documentos complicados, por exemplo, a fim de não ser enrolado. Só que aí foi indo, foi indo, foi indo e o que a gente tem hoje é isso, além de você ter que aprender pra se defender da cultura do *jurua*, se politizar e conhecer seus direitos, a escola está trazendo uma ideia de padronização, de que você tem que ir pra escola pra ter um trabalho, pra ter um dinheiro e aí você pode também ser igual àquele que tem um carro...

A gente não soube lidar com esse modelo de escola quando ele entrou na aldeia. Ainda hoje não sabemos direito, e há muitos conflitos com outros professores, com a comunidade, com os representantes das políticas. Eu tinha pensado como seria bom ter uma semana de escola e outra sem escola, e fiz essa proposta na última Conferência Estadual de Educação Indígena. Mas ninguém concordou comigo!

A escola descaracteriza muito o cotidiano das comunidades guarani. Quando a criança guarani tem um tempo rígido para ir para escola e tem que cumprir um horário, aos poucos vai perdendo a delicadeza em respeitar o seu momento. Por exemplo, as meninas quando estão menstruadas não devem ir para a escola, mas isso quase nunca é respeitado.

Antes eu ficava meio depressiva, mas hoje fico feliz porque às vezes o *jurua* fala eu não entendo tudo. Às vezes quando o Guarani fala eu também não entendo tudo, e aí eu penso: "nossa como eu tenho que aprender ainda!". E isso é bom. Às vezes um *xeramõi* está falando na casa de reza e eu me sinto analfabeta na minha própria língua, não entendo quase nada do que está sendo dito. O *xeramõi* Pedro Vicente tinha dito pra mim que, pra gente ser uma pessoa com dom, pra saber contar histórias, também tinha que ter *arakuaa*. Ele não falou *arandu*, que é uma palavra usada para 'conhecimento', 'sabedoria'. Ele disse que aprender a escrever é ter *arandu*, é ser ir-

teligente. Mas o *arakuaa* está mais voltado para uma questão espiritual, que é uma linguagem mais voltada e mais usada no mundo da *opy*. Assim, hoje existem vários meios de conhecimento: tem *xeramõi*, tem Google, tem os livros, os antropólogos, entre muitos outros...